

## Titos Pelembe

*Cidade Enquanto Fonte Arqueológica da Memória Colectiva*  
Exorcização da Rosita (Porto, 1934)

Impressão a preto e branco em formato A4, papel de 80g, colada sobre cartão e pintura em tinta acrílica  
Dimensões: 135cm x 215cm



©Limina

Os vestígios (i)materiais produzidos pelo ser humano podem ser personificados como fontes arqueológicas, à vista dessa possibilidade, esta iniciativa visa explorar a cidade do Porto e sua respectiva herança histórica colonial e contemporânea enquanto uma fonte arqueológica viva, caduca em mutação com diferentes vertentes, desde o passado, presente e futuro. A começar por exemplo, pelas dinâmicas urbanas / fluxos de pessoas e bens; ordenamento territorial e uso do espaço público, incluindo os monumentos, acontecimentos marcantes da vida corrente e da memória colectiva. Portanto, partindo do caso particular da notável exposição colonial realizada em 1934 na cidade do Porto, de que teve lugar nas instalações do actual Palácio Cristal, constitui o principal ponto de acção crítica e artística de que a intervenção ocupa-se.



O regresso à exposição colonial é vista como meio de questionar a realidade presente bastante camuflada e perspectivar o futuro no contexto da (des)colonização da sociedade portuguesa contemporânea. Com isto sem a pretensão de reactivar problemáticas altamente traumáticas desse evento, mas sim criar outras narrativas de resistência, auto determinação das várias gerações silenciadas e fabuladas, partindo da figura da jovem rapariga “Rosita”, a dona do império português. cuja sua imagem foi usada como mascote da propaganda do evento imperial. A cidade sendo um dos repositório por excelência da memória colectiva reserva inevitavelmente quase sempre no seu âmago um conjunto de vestígios incontornáveis, e foi sobre estes elementos essenciais que floresceu toda a narrativa criativa implicada no âmbito da produção artístico. Este trabalho que desenvolve-se com base na memória e experiência sócio-política colonial pode ser enquadrado no âmbito da “*Arte Contemporânea no Tempo da Pós-Memória*” (2021). Pós-memória, segundo o pensamento do investigador e curador António Pinto Ribeiro “(...) não é uma categoria estética, nem um género artístico, mas uma condição objectiva e subjectiva que afeta os artistas, o tempo cultural, os produtores, a crítica, a museografia e o receptor anónimo destas obras, que tem de modificar os seus mecanismos de receção”(Ribeiro, 2021:8).

Nesta perspectiva de acordo com o curador supracitado, diferentes disciplinas e expressões artísticas são explorados, no caso vertente da fotografia e dos monumentos materiais e imateriais são também entendidos como um dos recursos modernos imprescindíveis de contar histórias e estórias passadas com efeitos nefastos ainda no presente no seguimento da descolonização do espaço público, das artes e da história africana vs ocidental. Atendendo que a fotografia assim como os elementos monumentais podem ser manipulados para friccionar realidades diversas, acima de tudo marcar um determinado tempo e circunstâncias. Razão pela qual, no passado recente na exposição colonial (Porto, 1934), a fotografia foi usada como um das ferramentas de elevada importância no exercício da propaganda imperial, para além da escultura monumental e produção de cartazes publicitários. Daí interessa (re)visitar diversos arquivos dispersos no domínio da exposição em referência e reflectir sobre os mesmos, elegendo a imagem fotográfica como o principal elemento. Numa perspectiva da materialidade expandida onde as fronteiras entre os campos artísticos estão cada vez mais diluídas, a imagem permite-nos compreender com algum afastamento crítico temporal e moral à situação em análise. Por conseguinte, optando-se pela subversão dos valores sociais da condição humana desumanizada e supostamente normalizada pelas sociedades das principais potências criminosas da agenda colonial. Sem dúvida nenhuma Portugal através do



seu antigo império foi uma das potências protagonistas, orgulhosamente recorda-se a celebração até então dos actos de violência e apropriação territorial dos recursos e das pessoas mormente fabuladas à favor dos movimentos transatlânticos de “Descobertas de novo Mundo”, observa-se numa das imagens que compõem a instalação que “Portugal não é um país pequeno”, ao referir-se sobretudo da soma territorial das suas ex-colónias principalmente de Moçambique e Angola. Apesar do fim do colonialismo centrada na exploração directa e ocupação efectiva Portugal ainda não deixa de ser um país enorme, devido a perpetuação da decolonialidade do poder em diferentes níveis. A dimensão linguística é uma delas, a adopção da língua portuguesa como meio de unificação social e oficial das antigas colónias constitui a continuação de outra forma de poder e violência colonial, entendida de forma abrangente como epistemicídio (Santos e Meneses, 2009).

A minha experiência anterior no domínio da instalação, escultura e pintura permitirá envolver os factos analisados através das lentes fotográficas de que permite vaguear e (des)construir narrativas ao encontro dos novos olhares e perspectivas. As imagens de arquivos, mapas coloniais e textos explorados reconstróem uma realidade de exploração humana instiga de forma poética e curativa na medida em que certos pormenores da imagem são modificados, como por exemplo: vestir/cobrir o tronco nu da Rosita com padrões de roupa africana traduz o sentimento de dignidade humana roubada a ela e a todas as pessoas submetidas nesta exposição de zoológico humano. O cartão procura trazer a essência da fragilidade do arquivo mas ao mesmo tempo de resistência do próprio arquivo quando é devidamente constituído. As cores em tons de laranja, azul, branco e escala de preto aplicadas em formas de manchas degradadas sobre a composição das imagens coladas sobre o cartão propõem reconstituir uma nova realidade imaginária de carácter futurista, do qual a Rosita se destaca como a dona do império português, num posição de privilégio.

Esta pesquisa visa criar uma voz colectiva há muito silenciada com recurso às imagens fotográficas, quer nos vídeos produzidos, revistas, jornais e produtos comerciais. O complexo espacial do jardim do Palácio Cristal encontra-se actualmente sem nenhuma marca de referência a esse passado triste de espoliação humana. A performance que ainda será realizada na continuação desta iniciativa objectiva justamente chamar atenção sobre a invisibilidade histórica colonial dos povos explorados no seio dos monumentos da cidade. O acto performativo em si, será uma forma de homenagear às vítimas da opressão colonial em nome do exorcismo em volta do espírito da Rosita.



A par disso, interessa-me igualmente (re)pensar nas novas possibilidades resilientes de reconstrução, (rei)imaginação das memórias sociais das cidades marcadas pelo passado colonial, violência e lutas presentes na dimensão humana, económica e ecológica.

**Titos Pelembe.** (n. 1988, Maputo), artista multifacetado, é ainda curador-investigador do coletivo de investigação artística Maputo Street Art, Repensar as Artes e mentor do grupo Polana Urban Creative Space - Galeria 3/4, sediada em Maputo. Dedicou-se profissionalmente às artes plásticas desde 2004. Ao longo do seu percurso artístico, notabilizou-se principalmente no domínio da Escultura em Cerâmica de grandes formatos, entre outras disciplinas artísticas. Frequenta atualmente o doutoramento em Educação Artística e pós-graduação em Design de Tecnologias para a Saúde na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Foi vice-presidente do Núcleo de Arte (2016-2018), é Embaixador do Festival Internacional de Arte da Ilha de Moçambique e colabora com a Associação Kulungwana, Museu das Pescas, Visual Arts, entre outras organizações. Recebeu mais de uma dezena de prémios nacionais nas modalidades de Escultura, Desenho, Pintura, Banda Desenhada e Design Gráfico. Vive e trabalha entre Moçambique e Portugal.

